

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º a entrega	19.º Anno — XIX Volume — N.º 648	Redacção — Atelier de gravura — Administração
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	6950	\$120	25 DE DEZEMBRO DE 1896	Lisboa, L. do Poço Novo, entrada para T. do Convento da Jesus, 4 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do Oc.cidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Posseções ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		

O NASCIMENTO DE JESUS

Ao Ex.º Sr. Conselheiro Jeronymo da Cunha Ptaeniel

Foi n'um velho curral abandonado,
Onde ficara a pobre mãe sósinha,
Que de noute nascera a creancinha,
D'um ventre puro, casto, immaculado.

Tremia o innocente entregelado,
A mingua d'uma faixa, ou camisinha,
O berço, a mangedoura, apenas tinha
Palha, que serve de repasto ao gado.

Era um Deus a creança assim nascida!
Trazia a luz divina da verdade,
Que era de todos nós desconhecida!

Nascendo na pobreza e na humildade,
A primeira lição da sua vida
Deu-a elle, n'essa hora, á humanidade!

Libanio Baptista Ferreira.



CHRONICA OCCIDENTAL.



Pirum velho...!
E ahí andam os bandos dos perus e peruas alegres por essas ruas; elles, muito inchados como pachás, caricaturas de pavões, coraes em ares de commendas, azas abertas, empantufados; ellas esgrouviadas, humildes, a chouto. O homem com a cana, grão de milho aqui, grão de milho ali, vai-lhes asobiando.

Pirum velho...!

A satisfação do peru tem o que quer que seja da alegria de muitos homens. É um animal que anda contente consigo mesmo; tem um lindo ar de conselheiro em dia de pôr farda. As azas roçam pelo chão, a cauda abre-se em leque, os coraes do pescoço incham, avermelham-se de presumpção. E' o sultão passeando por essas ruas com as suas huris. Um susto faz-o immediatamente perder todo aquelle ar de conquistador; encolhe as azas, deixa cahir a cauda, empalidece a crista e mette a chouto entre as peruas, de pescoço estendido.

Passado o perigo volta a ser o *pirum velho*, cheio de importancia, tal qual como tantos.

Se elle soubesse, coitado, o que o espera, porque motivo o festejam, porque o trazem tufal por essas ruas, porque o mostram gordo e anafado, porque lhe elogiam o papo, porque o levantam triumphalmente pelas azas...!
E elle todo tolo...!

Não tardará muito, que apertado entre os joelhos d'uma cosinheira cruel, sinta no pescoço, junto á nuca, a faca da assassina; e elle a debater-se, e o sangue a correr...! Ainda ha de fazer figura na mesa, recheiado de batatas ou de castanhas, de papo para o ar, depennado, o peito muito loiro e tenro, as pernas ligadas, as azas encolhidas.

Gosa, pobre peru, estes ultimos dias de sol. Oiço na rua os pregões e o *pst pst!* que é a tua condemnação á morte. Passeia pela ultima vez a tua importancia, gosa te com alegria porque és festejado, ostenta a este lindo sol, que afinal nos visita, as tuas condecorações; és tolo e tens na tua toleima o melhor do teu contentamento; sê tolo, *pirum velho!*

Tu, ao menos, tens a vantagem de nos trazer a alegria n'uma festa, que é a mais linda festa de todo um anno! Riem as crianças em volta da arvore cheia de luz e de brinquedos; tocam alegres os sinos; das portas das egrejas saem grandes quadrados de luz a projectar-se na escuridão das ruas animadas até altas horas da noite. São

ferias, é o tempo da alegria. Fecharam os collegios, os lycéus, as universidades. Vai uma alegria enorme, desusada, por tentos casas...! Parece um chilrear de passarinhos na primavera...! É para ajudar a toda essa boa alegria que te matam, *pirum velho*, pobre tolo! Quantos manos teus da raça humana não de atolar o dente na tua cabidella!

Que tens cá muitos manos, muitos e tão valdosos como tu és, não tendo os teus coraes, nem as tuas azas, nem a tua cauda, nem o teu *glu-glu*. A gente não lhes assobia para elles se enfeitarem, mas ha quem lhes diga coisas lindas e quem os enfeite. E fazem-se ainda mais tolos do que tu e olham com desprezo altivo para os outros bichinhos da capoeira.

Coitados! Como elles gostam da tua cabidella; ha no cemiterio uns bichinhos chamados gusanos, que se pellam pela cabidella d'elles, e para quem é sempre festa.

Peru, peru, alegria das nossas mesas, que fratídios não se commettem n'estes dias!

As ruas estão cheias de sol, não ha uma nuvem no céo. Alegrem-se as almas depois de inverneira tão pegada, tantos temporaes, tantos dias e noites em que o vento cantou lamurias, em que a chuva rufou lamentações. Dá teu ultimo passeio, pobre peru, teu ultimo olhar conquistador ás companheiras, tua ultima bicada no rival. Nunca mais



A FAMILIA SAGRADA

(Quadro de Bartholomeu Schidone)

A FAMÍLIA SAGRADA

pastará a tua herba pelos campos, nem sobirá ao poleiro onde de noite os sonhos te vinham visitar. Não vês esse homem que vai soprando n'uns tubos de cana uma cantiga alegre? E' o amolador. A faca está afiada. Deixa as tuas farroncas, peru!

Natal! Natal!

Que palavra tão alegre, tão cheia de musica!

*Cantava n'essas campinas
Esta noite um cherubim.*

Natal! Natal!

Até para os descrentes, para aquelles que de tudo riem, esta palavra tem forçosamente algum encanto. Não ha ninguem que não tenha na vida alguma terna recordação ligada a este nome, fosse um principio de ferias, fosse uma missa do gallo, fosse uma ceia alegre em familia.

E' tão bello, tão comovente, toda essa historia do nascimento de Jesus! As palhas do presepio, o boi que calentava o menino, a estrella dos reis magos, o anjo acordando os pastores!

Gloria in excelsis! canta o padre no altar.

E repicam muito alegres as campainhas e os sinos tocam na torre, e, pelo ar frio da noite, muito sereno, os sons vão muito longe, eccoando pelas serras.

Meia noite...!

Foi a esta hora que Elle nasceu.

E a nossa fantasia procura rever os quadros simples dos presepios que admirámos em pequenos, figurinhas de barro, musgos, conchas, flores, cartonagens, estrellas de papel dourado, tudo no throno, sobre o altar entre muitas luzes, paizagem de perspectiva muito ingenua, que nos fazia sonhar e puxava as lagrimas.

Era cá em baixo n'uma gruta a familia de Jesus, S. José com barbas brancas e um ramo de açucenas, Nossa Senhora de joelhos e no chão sobre palhas o Menino. Uns ramos entrelaçados fingiam a mangedeira e a um dos lados via-se a cabeça do boi, de olhar muito doce. Sobre a gruta um laço de papel com o distico: *Gloria in excelsis!* Os anjos já tinham anunciado aos pastores a vinda do Messias e todos vinham descendo pela encosta. Eram figurinhas de barro pequeninas; um pastor vinha tocando gaita de folles, o outro trazia um carneirinho ás costas, uma mulher de chapéu braguez arrimava-se a um pão. No alto da rocha appareciam, muito maiores, os tres reis magos a cavallo, vestidos de seda com lantejoulas, seguidos por uma recua de camellos recortados em papelão. Alvejavam as casas de Bethlem, muralhas com ameias, a torre com uma bandeira destraldada ao vento. Por cima o céu azul e n'elle uma estrella d'ouro com uma grande cauda de fios de prata. Mas o encanto maior do quadro era a um canto uma azenha cuja roda se mexia entre pedaços de papelão fingindo rochas, cobertos de vidro moído fingindo aguas.

Tempos bons de infancia cujas recordações ainda hoje tanto nos alegam! E' preciso ter crianças ao nosso lado n'este dia de Natal, dar-lhes as mesmas alegrias que tivemos, saber que elles têm nos seus collegios a hora do levantar, de madrugada, aquelle mesmo bater de coração que nós tínhamos ao pensar em nossas casas:

Natal...! Férias...!

E todos os que têm filhos têm n'este dia a repetição das mesmas boas alegrias que lhe fizeram ver em pequeno este nome — NATAL! — todo de luz. Iluminava-o a estrella que aos reis magos veio mostrando o caminho desde remotos confins do mundo até aquelle presepio em que o Rei do Mundo e dos Reis, tremia de frio sobre um molhinho de palhas, apenas hafejado pelo boi muito quieto, ruminando lentamente, d'olhar doce e compadecido.

O mão tempo já lá vai. O céu poz-se em festa. Como vai ser lindo esse dia! Que raihos alegres vão percorrer essas ruas! As lojas estão todas enfeitadas! Brilham as arvores do Natal cheias de luzes e de brinquedos! Nos mostradores dos confeitadores ostentam-se as caixas de seda riquissima, cheias de confeitos multicolors.

Boas festas! Boas festas!

Mas se um cachopito tremendo de frio na sua camisita rota, descalço, de grandes olhos negros gulosos, parar ali, olhando embevecido para tudo aquillo e que não pode chegar, os que ali entram lembrem-se do pequenino do presepio, que veio a morrer na cruz e disse para Maria, sua mãe, mostrando-lhe S. João:

— Mãe, ah! tens teu filho.

E, para que a festa em familia seja completa, é preciso que se sentem á mesa todos os irmãos.

João da Camara.



s mestres de todas as escholas de pintura tem dedicado o seu talento a encantadoras composições de quadros da Familia Sagrada.

Entre essas encantadoras composições figura com vantagem a do quadro, que reproduzimos em gravura, e que é do pintor Bartholomeu Schidone, paisagista eximio, como se vê da sua graciosa composição, figurando a Familia Sagrada no meio de uma paizagem esplendida.

Enquanto a Virgem descança com o Menino no colo, aproxima-se o esposo amado, d'aquelle casal purissimo e que vem descansar tambem junto dos entes queridos, onde se encontra João, o precursor de Jesus Christo, e que lhe mostra a cruz como symbolo da redempção.

N'aquelles quatro personagens se encerra uma historia que havia de atravessar os seculos, como um grande lóco de luz inextinguivel a alumiar as gerações successivas.

Ali se aprende a amar a familia, como base de toda a felicidade. Ali está o exemplo das virtudes, na pureza d'aquelles conjugues, que das virtudes fizeram toda a sua riqueza, riqueza, da alma, bem mais valiosa que todos os thezouros da terra.

Hoje que se celebra o nascimento do Redemptor, attentemos bem no quadro que nos fala da Familia Sagrada. Contemplemos toda a paz que ali se encerra, todo o amor casto e puro que ali resplandesce, e perguntémos se todo esse Bem proveito das riquezas que mais ambicionamos?

Não! Essas riquezas da terra porque tanto labotamos, são como que o fogo em que nos consumimos.

Essas riquezas dam nos o desasocego, as invejas, as infidelidades, os remorsos e a morte da alma antes do corpo.

Não! A riqueza não é a felicidade!

A felicidade está na paz do lar, no amor da familia, na tranquillidade da consciencia, e estes grandes bens não se compram com o ouro que o homem extrae das entranhas da terra, mas sim com a pratica das virtudes que se desentranham do coração.

Familia Sagrada! tu és o exemplo das familias, A maior luz que veio ao mundo sahir do teu seio, e tu eras humilde e pobre das coisas da terra.

Tem-se derruido palacios sumptuosos onde se encerravam riquezas sem conto.

O teu lar, pobre e humilde, ainda está de pé em Bethlem!

C. A.

O NATAL E GIL VICENTE



CABANA de nascer o Príncipe D. João, o muito alto e excellente como sempre lhe chama o rei dos poetas comicos portuguezes. Pouco mais de vinte e quatro horas se haviam passado depois do feliz parto da muito esclariada Rainha D. Maria, esposa de El-Rei D. Manuel, quando á presença do rei afortunado, da Rainha D. Beatriz e de sua filha a Duqueza de Bragança, na camara real, entrou Gil Vicente vestido de vaqueiro e começou:

Pardiez! siete arrepelones
Me pegaron á la entrada
Mas yo di una puñada
A uno de los rascones.
Empero, si yo tal supiera,
No veniera
Y si veniera, no entrara,
Y si entrara, yo mirara
De manera
Que ninguno no me Jiera.

Pardiez! siete arrepelones
Me pegaron á la entrada
Mas yo di una puñada
A uno de los rascones.
Empero, si yo tal supiera,
No veniera
Y si veniera, no entrara,
Y si entrara, yo mirara
De manera
Que ninguno no me Jiera.

E depois, mudando de tom, dirigiu-se á Rainha e fez-lhe os seus cumprimentos.

Era coisa nova em Portugal. Tanto gostou a Rainha Velha do nosso Gil Vicente, que lhe pediu que outra vez a mesma obra representasse ás matinas do Natal, endereçada ao nascimento do Redemptor. Mas o poeta, porque a substancia era mui desviada, compoz então o seu primeiro auto, o PASTORIL CASTELHANO.

Era em 1502. Trinta e dois annos depois, já velho, já mui visinho da morte, compunha Gil Vicente uma das suas melhores obras, o AUTO DA MOFINA MENDES, endereçado como o primeiro ás matinas do Natal.

Além d'estes, foram, por motivo d'essa mesma festividade representados, em presença da córte o AUTO DA SIBILLA CASSANDRA, O AUTO DA FE, O AUTO DOS QUATRO TEMPOS, O AUTO PASTORIL PORTUGUEZ, O AUTO DA FEIRA e O AUTO DA BARCA DO PURGATORIO.

Mais não tivera deixado escripto, seriam estas obras sufficientes para justificar a fama de que Gil Vicente gosou por espaço de trinta e cinco annos. Diz Bouterweck que não havia por esse tempo em toda a Europa poeta comico mais afamado nem mais querido dos seus do que o poeta portuguez. Erasmo deu-lhe o primeiro logar entre os comicos modernos e, só para ter o prazer de o ler, deu por bem empregado o tempo gasto no estudo da lingua portugueza.

Não quer isto dizer que não tivesse sombras a aureola scintillante do poeta Mordiam o ineptos invejosos, como bem o provam as poucas linhas que antecedem a publicação d'essa comedia immortál, obra prima do genio, que tem por titulo FARÇA DE INEZ PEREIRA:

«A seguinte farça de foigar foi representada ao muito alto e mui poderoso Rei D. João, o terceiro do nome em Portugal, no seu convento de Thomar, era do Senhor 1523. O seu argumento he que, porquanto duvidavão certos homens de bom saber, se o Autor fazia de si mesmo estas obras, ou se as furtava de outros autores, lhe deram este thema sobre que fizesse: *si hum exemplo commum que dizem: Mais quero anno que me leve, que cavallo que me derrube.* E sobre este motivo se fez esta larça.»

E' extraordinaria a superioridade de Gil Vicente! Chamas-lhes homens de bom saber!

Como quer que fosse, a elles se deve, quem sabe? o havermos possuido em nossa lingua, talvez antes de qualquer outro povo na Europa, uma perfeitissima obra dramatica, cheia de magnificas scenas de comedia, com typos soberbamente desenhados e uma acção admiravelmente conduzida.

Dos autos publicados no Livro I das OBRAS DE DEVAÇÃO, a que acima nos referimos, se nenhum se pode egualar como perfeita obra dramatica á INEZ PEREIRA, em todos elles ha, entretanto, merito literario de sobejo, vida, graça, poesia, naturalidade, quadros de mestre, para entre os mestres classificar o maior genio do theatro portuguez.

Logo no primeiro do livro, 70 AUTO PASTORIL CASTELHANO, é soberbo todo o dialogo entre Gil, pastor inclinado á vida contemplativa, e seu companheiro, Braç, que o reprehende d'isso.

Essas pequeninas eglogas, que precedem em quasi todos os autos a appareção do anjo, cheiram a flores, tem a frescura d'uma limpida manhã de primavera.

Os pastores dormem e o Anjo os chama cantando:

Ha pastor!
Que es nacido el Redentor!

Manda a todos Gil levantar e diz:

Poes el Rey de los señores
Se sirve de los pastores?
Nueva cosa
Es esta, y mui espantosa!

Id vosotros al lugar
Muy prieto, carillos mios.
Y no vamos tan vacios:
Traed algo que le dar,
Y el rabel de Juan Javato
Y la gaita de Pravillos,
Y todos los caramillos,
Que hay en el hato;
Y para el niño un sibato.

Que ternura e que innocencia na maneira por que Gil se dirige a Nossa Senhora!

Señora, con estos hielos
El niño se está temblando:
De frío veo llorando
El criador de los cielos
Por falta de pañuelos.
Juri á san, si tal pensara
O por dicha tal supiera,
Un zamarro le trujera
De una vara
Que ahotas que elle callára.

E á despedida, a essa de quem diz Silvestre

Nunca outra fue nacida
Que fuesse muger y estrella,
Sino ella,

cantam lhe todos esta ingenua, graciosissima cançoneta:

Norahuena quedes, Menga,
A la fé que Dios mantenga.

Zagala santa bendita,
Graciosa y morenita,
Nuestro ganado visita,
Que ningun mal no le venga.
Norahuena quedes, Menga,
A la fé que Dios mantenga.

No auto da SIMILLA CASSANI-BA é encantadora a cantiga dos anjos acalentando o menino Jesus.

Ro, ro, ro!
Nuestro Dios y Redentor,
No lloreis, que dais dolor
A' la virgen que os parió!
Ro, ro, ro!

Ñño, hijo de Dios Padre,
Padre de todas cosas,
Cesen las lagrimas vuestras,
No llorará vuestra madre,
Pues sin dolor os parió.
Ro, ro, ro!
No le deis vos pena, no!

Ora, niño, ro, ro, ro!
Nuestro Dios y Redentor,
No lloreis, que dais dolor
A' la virgen que os parió!
Ro, ro, ro!

Havia o cachopito, como no AUTO PASTORIL PORTUGUEZ *Margarida* lhe chama, de dormir tão bem! Que bons sonhos n'aquella musica dulcissima! A não ser que já como espectro lhe apparecesse, em seu primeiro somno, a cruz em que havia de espirar.

— Peresicica, tu nos decias
Que sabias
D'esta virgen y su parto.
— Mi fé, dello sé bien harto
Y reharto:
Llena estoy de profecias;
Empero són de dolor,
Que el señor
Estando á veces mamando,
Tal via de cuando en cuando
Que no mamaba á sabor.

Una cruz le aparecia
Que el temia
Y lloraba y suspiraba.
La madre lo halagaba,
Y no pensaba
Los tormentos que el via.

Só o génio pôde attingir esta suprema simplicidade.

No AUTO DA FÉ o dialogo entre os dois pastores, *Braz* e *Benito*, emquanto observam a capella de Almeirim, *maravilhados no pontifical de todas aquellas cousas* é dos mais engraçados de Gil Vicente. Na igreja haviam de estrondear as gargalhadas. Os elogios de Benito á sagacidade de Braz são finissimos de ironia comica.

BENITO

Cata, mas ha hi que mirar:
Qué síflico esta mesa
Con tanta retartanilla?

BRAZ

Bobo, es cama á for de villa,
Chaqueada á la francesa.

BENITO

Cuerpo de santa Pipia!
Sabes mas que tu ni yo!

BRAZ

Yo atabobado estó
De ver tal negromancia!
Sabrá-me tú rellatar
Que declinan estas lumbreras?
Son candelas ó bugeras?

BRAZ

No lo sé pronunciar.
Son palos daquel natío,
Soncas nacen no sé donde.

BENITO

Ni jota no se te esconde!
Pelletras mas que tu tio.

E' difficil perceber o motivo por que falam em linguas diferentes os actores d'uma mesma comedia de Gil Vicente. Parece ás vezes que este prefere o castelhano para as personagens de mais alta categoria, deixando o portuguez para a plebe. As sim na floresta de enganos falam portuguez o *Mercador*, o *Escudeiro*, a *Moça*, o *Pastor* e a *Velha*, mas *Cupido* e *Apollo*, *El Rei Telebano*, a *Princesa Grata Celia*, o *Duque*, o *Principe*, todos falam castelhano. Na comedia de RUBENA o *Principe* fala castelhano, mas *Felicio*, seu irmao, é em portuguez que tem com o ecco aquelle dialogo tão bello, depois do qual expira. No auto de que vimos falando a *Fé* dirige-se em portuguez aos dois pastores castelhanos.

A linguagem de Gil Vicente nos proprios autos, que só eram representados nas capellas reais, nem sempre é concertada por forma a não offender os ouvidos pudibundos das modernas gerações. A palavra é crua, as periphrases não existem. A verdade é, porém, que se os nossos ouvidos ganharam em castidade, nem por isso esta virtude tem hoje mais cultores que no principio do seculo XVI, em que entre nós floresceram as artes.

Se o AUTO DA BANCA DO INFERNO não foi representado na capella, mas tão somente na camara da muito catholica e sancta Rainha Dona Maria, para sua consolação, estando enferma do mal de que falleceu, nem por isso deixa de nos admirar a facilidade com que os actores encarregados das partes de *Diabo*, *Parvo* e *Briçida Vaç* faziam com as mais grosseiras chufas estorcer em risos o que havia de mais polido e aristocratico na corte de Portugal. O AUTO DA BANCA DO PURGATORIO foi representado á muito devota e catholica Rainha D. Leonor no hospital de todos os sanctos da cidade de Lisboa, nas matinas do Natal, ora do Senhor de 1518. Pois nem o respeito pelo logar impediu o *Pastor* de mimosear o *Diabo* com es epithetos mais crus.

Gil Vicente dizia como queria o que pensava. Os seus epigrammas, muitas vezes pessoas ferem fundo. Contra os frades desferiu quantos poude e nem Roma poupou. No AUTO DA FEIRA, representado a El-Rei D. João III nas matinas do Natal de 1527 é Roma uma das personagens, e, porque esta pergunta a Mercurio:

Assi que a paz não se dá
A troço de júbileus?

responde-lhe o deus dos mercadores.

O' Roma sempre vi lá
Que matas peccados cá
E deixas viver os teus.

E não te corras de mi:
Mas com teu poder Jacundo
Assolves todo o mundo,
L não te lembras de ti,
Nem ves que te vás ao fundo.

O poeta satyrico só descançava para se elevar como lyrico ás mais altas cumiadas. NO AUTO PASTORIL PORTUGUEZ e na MOPINA MENDES, na descripção da vida dos nossos campos, Gil Vicente é genialmente nacional pela forma do verso, pela graça do dizer, pelo perfume que espalhou por todas essas extraordinarias obras primas.

Todos conhecem aquelle trecho do auto em que *Payo Vaç* pede contas do seu gado á *Mofina*, que evita a resposta exigindo a soldada.

Não sabe da boiada, não sabe das cabras.

Das vacas morreram sete
E dos bois morreram tres.

Os porcos morreram de magreira e má ventura;
os lobos dizimaram as vitellas; a zorra tinha filhos e levou os cabritinhos.

As ovelhas reganharam,
As cabras engaleceram,
Os carneiros se afogaram
E os rafeiros morreram.

Mas a *Mofina*, quer a soldada, *Payo Vaç* dá-lhe o pote de azeite, e ella põe-se a fazer castellos no ar, contente a bailar, e tantos castellos faz e tanto baila que dá com o pote no chão.

Pobre *Mofina*! Como ella sai triste cantando esta primorosa quintilha:

Por mais que a dira me engeite,
Pastores, não me deis guerra;
Que todo o humano deite,
Como o meu pote d'azeite,
Ha de dar consigo em terra!

E' tambem do AUTO DE MOPINA MENDES esta graciosissima saudeção do Archanjo S. Gabriel, paraphrase da Ave Maria:

Oh! Deus te salve, Maria,
Cheia de graça graciosa,
Dos peccadores abrigo!
Gosa te com alegria,
Humana e divina rosa,
Porque o Senhor é contigo!

Parece-nos que uma das peças de Gil Vicente que mais facil seria de fazer reviver na scena é o AUTO PASTORIL PORTUGUEZ.

A acção é graciosa, o verso é lindo. Para amostrea a cantiga e o villancete de *Catherina* pastora:

Tirae os olhos de mim,
Minha vida e meu descanço,
Que me estaes namorando.

Os vossos olhos, senhora,
Senhora da formosura,
Por cada momento de hora
Dão mil annos de tristura.
Temo de não ter ventura.
Vida, não me esteis olhando,
Que me estaes namorando!

Joanne ama *Catalina*, *Catalina* ama *Fernando*, *Fernando* ama *Madanella*, *Madanella* ama *Affonso*, *Affonso* ama *Inez*, *Inez* ama *Joanne*.

E com tantos amores ninguem se entende, e, porque ninguem se entende e é preciso mudar de assumpto, vem *Margarida*, pastora, que achou hua imagem de nossa Senhora e tra-la escondida n'hum feixe de lenha.

E põem-se então todas a adivinhar, até que *Margarida* lhes diz:

Se attentegas estaes,
Muito asinha vos direi
O que vi e que achei,
Contanto que me creaes.

Chegando á Pena furada,
Aquem da Virgem da Estrella,
Achei ser uma donzella,
Bofa, donzella dourada,
E como a vi, como digo,
Soltou tal tremor comigo,
Porque ella reluzia,
Que estava se fugiria,
Tal claror tinha consigo!

É um menino brincando
Com seis ou sete donzellas...!
Santas pareciam ellas!

E sabem o que Nossa Senhora disse á *Margarida*? Disse-lhe mal do cura, o que deu azo mais uma vez a Gil Vicente para, por bocca das cachopas, dizer mal dos padres todos.

MARGARIDA

Por esta cruz, manas minhas,
Que ella está d'elle assanhada!

INEZ

Oh! Virgem, nossa avogada
Que os gados encaminhas!

O NATAL NA TERRA SANTA



A GRUTA DA NATIVIDADE

CATERINA

Quem a vira!

INEZ

Quem lá fôra!

MADANELLA

Tu, prima, nasceste embora!

MARGARIDA

Se viras o cachopinho,
Tão fermoso e sesudinho,
Filho de Nossa Senhora!

Quatro clérigos veem cantar á Mãe de Deus,
mas as cachopas, essas não sabem resar e deter-
minam então fazer á Virgem uma chacota.

Porque toda a alma devota
O que tem, ito lra de dar.

O ACTO PASTORIL PORTUGUEZ foi representado em Evora, pelo Natal de 1523. Estamos bem certos de que hoje, bem desempenhado no theatro de D. Maria, trezentos e quatro annos depois da sua primeira recita, obteria um exito, um nadinha superior ao de muitas peças ali representadas.

Nada mais aqui fazemos do que avivar a lembrança de hoas tenções que a empresa tem ha muito.

JOÃO DA CAMARA.

O NATAL NA TERRA SANTA

A GRUTA DA NATIVIDADE



A Palestina, a pequena cidade de Bethlem, que a tradição evangelica aponta como a terra onde nasceu Jesus, conserva hoje interessantes e venerandas recordações.

O Natal é a grande festa da pequena cidade, e tambem a grande festa da nobre França, cavalheirosa protectora dos Logares Sagrados e dos catholicos.

A gravura, que publicamos a pag. 284 representa a gruta da Natividade, na basilica de Bethlem, e da brilhantissima solemnisação que alli tem lugar, na noite de Natal, daremos, acompanhando a referida estampa, uma ideia muito summaria, mas fidedigna, porquanto seguimos a narração de um viajante francez.

Assim, na vespera de Natal, o consul francez em Jerusalem, dirige-se a Bethlem, a fim de tomar parte importantissima nas grandes ceremonias religiosas e christãs de aquella memoravel noite.

As auctoridades turcas põe á disposição do representante da França, um destacamento de cavallaria regular e dois officiaes, que de sabre desembainhado o acompanham.

Além d'esta escolta, o consul é seguido por oito *camas* montando formosos cavallos brancos muito bem arreados.

O uniforme dos *camas* do consulado é bastante vistoso: a jaqueta turca como o resto do fato e de cor azul e agaloada de ouro, o bonet é vermelho, com uma grande borla, e o armamento consta, além do sabre da cavallaria, de uma masta, especie de lança.

O cortejo, que então se organisa, é formado por todo o pessoal do consulado, pelos superiores dos estabelecimentos religiosos e christãos de Jerusalem.

Na vasta praça, que defronta com a esplanada da immensa basilica, é o cortejo esperado pela guarnição turca que lhe presta as honras militares devidas.

Esta cerimonia tem lugar ao som do hymno francez tocado pela banda do *Orphelino Catholico*. Em seguida, o brilhante cortejo encaminha-se

para o monumento de Santa Helena, sendo ahi recebido pelo prior e por toda a comunidade dos franciscanos.

Os officios lithurgicos, na noite do Natal, comecam por uma missa de pontifical celebrada ás 10 horas, na igreja dos franciscanos, e que é contigua á grande basilica.

Esta primeira cerimonia prolonga-se até perto da meia noite; e, ao terminar d'ella, organisa-se um luminoso cortejo que se dirige para a gruta da Natividade.

A frente do prestito vae a Cruz, seguem-se os frades franciscanos, em grande numero, conegos, e seminaristas, todos com tochas accesas.

O patriarcha latino é quem fecha a parte do prestito formada pelo sequito religioso. A este segue-se o consul de França com o pessoal do consulado e os janizaros.

O patriarcha latino conduz nos braços um formoso Menino Jesus de cera, tamanho natural, collocado sobre uma almofada de seda cor de rosa bordada a ouro, dentro de um pequeno leito. O Menino com aspecto festivo e sorridente, agita as mãosinhas e os pésinhos, como um ser vivo, o que deve constituir uma das feições mais pittorescas de toda a festa.

A gruta da Natividade apresenta no exterior um aspecto verdadeiramente intrigante. São umas muralhas altas e nuas, que tanto podiam ser d'um convento, de uma fortaleza ou de uma prisão.

A nudez d'aquellas linhas é apenas quebrada pela inclinação dos contrafortes. Lá no alto, umas estreitas frestas rasgam a parede. Porta nenhuma.

Attentando melhor, descobre-se a um canto, um buraco, como que um respiradouro. É a entrada para a gruta. As pessoas que se approximam quasi que entram de gatas. Vê-se que as antigas portas de que ainda restam vestigios foram substituidas pelos respiradouros para se poder defender melhor o accesso.

Descemos os degraus que da nave dão para a gruta. A direita do côro, n'um banco, estão dois soldados turcos, um de pé appoando-se na arma; e á esquerda, um nicho illuminado por grande profusão de lampadas suspensas do tecto. Por baixo d'ellas, brilha uma grande estrella de prata fixa no solo, tendo em volta a legenda que affirmava haver nascido alli o Redemptor.

Do tecto da gruta, pendem bellas lampadas, todas accesas, que projectam no marmore as suas sombras em desenhos elegantes. A aboboda é revestida por uma tapeçaria de ouro e purpura.

Pela sua riqueza, na verdade, a gruta não sugere muito a pobreza do estabulo onde nasceu Jesus.

Tendo o cortejo no seu maximo esplendor atravessado a basilica e descido á gruta, o patriarcha latino entrega o menino a um diacono e comeca a recitar o Evangelho da Natividade de S. Lucas.

«E aconteceu n'aquelles dias sair um decreto da parte de Cezar Augusto, para que todo o mundo se alistasse.

2 — (Este primeiro alistamento foi feito sendo Cyreno presidente da Syria).

3 — E todos iam alistar-se cada um á sua propria cidade.

4 — E subiu tambem José de Galilea, da cidade de Nazareth, á Judéa, á cidade de David chamada Bethlehem (por quanto era da casa e familia de David).

5 — para alistar-se com Maria, sua mulher, desposada com elle, a qual estava grávida.

6 — E aconteceu que, estando alli, se cumpriram os dias em que havia de parir.»

Chegado a este versiculo, o prelado retoma o menino e colloca-o sobre a estrella de prata, cravada no chão em frente do altar, onde se lê:

Hic de Virgine Maria Jesus Christus natus est. (Aqui da Virgem Maria nasceu Jesus Christo).

O patriarcha latino continua recitando o texto sagrado, mas adaptando-o ao local e ás circumstancias. Harmonisando assim, diz elle:

— E aqui deu á luz a seu filho unigenito.

Novamente, o menino é levantado pelo patriarcha que o envolve em finas rendas, e canta:

— E aqui o envolveu em faixas.

Em seguida, dirige-se para o local onde está a manjadoura, que é de fino marmore e ali depõe o menino, proseguindo:

— E aqui o reclinou na manjadoura, porque não havia logar na estalagem.

Estes canticos prolongam-se assim até cerca das duas horas da madrugada, terminando a festa por

um *Te-Deum*, seguido do *Domine salvam fac Republicanam*.

E assim se solemnisa a maior noite dos christãos, na pequena cidade de Bethlem, onde em noite de Natal ninguém dorme, acampando ao clarão das tochas na vasta basilica e nas suas proximidades.

Reina alegria por toda a parte, e ao céu elevam-se, de envolta com o fumo do incenso, os mais festivos canticos.

E. P.

EM MONTEMÓR-O-VELHO



M setembro estava eu na celebrada e academica hospedaria da *Ligeira*.

O leitor nunca pernoitou n'esta locanda, nem mesmo teve noticia da interessante creatura, que lhe deu a sua alcunha. Pois eu lhe digo:

A *Ligeira* era uma mulher muito gorda, que passou o mais da vida, assentada no seu estirão de Arzilla, sempre sorridente, e conversadora, que era um encanto ouvir-lhe as historias de toda a gente, pois a todos conhecia n'aquellas sete leguas em redondo. Ah! e sempre de boa feição para os estudantes, aos quaes chamava amavelmente seus filhos, e a quem sempre mandou servir a melhor truta da valia e o melhor vinho dos morgados da redondeza.

Então ainda havia morgados! E tambem existia a *Ligeira*! Hoje em terra jaz.

Eu conheci muito a bondosa senhora (e chamo-lhe senhora, porque verdade, verdade, ella até tinha Dom); e em manhãs marejadas dos rociados orvalhos do verão, fui dar comigo a sua casa d'ella, e não raro, em noites invernosas, estendi as minhas botas de cavalleiro ao lar da sua cozinha, onde a tia Angelica me mimoseava com a chavena de café cortado com um fiosinho de aguardente.

Não pense a leitora mal de mim. Eu teria então meus 18 annos, e vivissimo imaginar, que tudo convertio em palacios e claros-escuros á Rembrandt, com o que se deliciavam os meus annos floridos.

Pois eu estava lá em setembro de 186...; e no andar superno, já me tinham affirmado, que se alojara, ia em 15 dias, um grande poeta: — o Ernesto Gafana, que compunha boas trovas, e pescava enguias na grande valia que vae colleando a casa da *Ligeira*; e que, seja dito á puridade, não é o menor atractivo d'aquelle feliz paradeiro, onde tantas gerações de academicos foram comer e poetar.

Fui lá muitas vezes. Nesse tempo era possuidor d'uma bella egua vermelha, que, diferente do rocim do sr. D'Artagnan, que era cor de laranja, era tambem muito mais célere que o dito cavallo, e, por certo, se hoje vivesse, envergonharia os bigodes de toda essa rapaziada, que emmagrece solipedes para os fazer galgar, rapidos, distancias apostadas. Não sei se a popularidade de que então gosava, me advinha dos meus 18 annos bem medrados, e mesmo de fazer de quando em quando os meus versinhos, se do dito animal, que na minha terra era lendario pela figura e pela esperteza, na carreira.

Em tão pouca prosa já fallei de uma mulher celebre, de um poeta, e de um animal não menos celebre que os dois: já vêem que não perco o tempo. Mas vamos ao que importa.

O que estaria fazendo o poeta Gafana lá em cima, sendo já dobados 15 bons dias do mez de setembro? Eu estava cogitando n'isto, quando elle assomou á porta transversal, que deita m-greme escada para as alturas do predio.

Era um magrissimo rapaz, avezando grande cabelleira e physionomia encantadora, tirando a pallido, em que um fino bigode e a pera ondeante lhe davam uns tres de Marquez da epocha de D. João V. Eu já o vira, vestido de casaca bordada, no theatro Academico, e confesso que o achara bem.

Alli trazia botas á Frederica (o ideal dos rapazes do meu tempo!), calção de malha, preto, cinta vermelha, e, apesar de estarmos em comecços do outono, uma jaqueta de astrakan com alamares de prata; na cabeça um enorme bonet de seda, de grandeza descommunal.

* Evangelho de S. Lucas, Cap. II, versão: do padre João Ferreira d'Almeida.



UM TIPO DE BELLEZA

— O' Ernesto, o poeta, tu por aqui?! Já a meus braços!

O homem avançou como a sombra do pae de Hamlet, muito vago e muito scismabundo.

— Sim, sim, eu; sou eu, que mais queres? Bem diferente, porém, do que era; escuta:

Tomou-me do braço, e entrámos no lar extinto. Accessas as cavacas de lenha, sentámos nos em dois escabellos, a que o vulgo chama tripeças; e elle segurando o joelho direito com as mãos ambas, e elevando o a altura do peito, a mastigar não sei que phrazes, começou d'estarte:

— Tu sabes que, findo o meu acto do 5.^o anno, me fui ao Porto, passar as ferias para casa do conde de Lagares, um amigo, um velho amigo de meu pae; tu sabes isso.

— Não sabia, mas fico sabendo; continua:

— Esse conde, heroe electivo...

— Heroe electivo, é boa e não offende

— Sim um heroe, acabava de vencer umas eleições matraqueadas pelo governo nefasto que nos rege.

— Já vejo que és da opposição.

Não; mas, como estudante, sou inimigo de todos os governos. Ora bem, este homem, este grande, a primeira influencia do Porto, é um velho celibitario, em casa de quem se vive a larga, e principescamente.

— Bem bom adverbio, bem bom...

— A minha historia, porém, é tristissima.

— Então, bem mau superlativo, bem mau.

— Ouve e treme. A quinta d'elle é em Mattosinhos. Foi lá, oh! desventura cruel! que eu conheci a D. Rosalba. Conheces a dita senhora?

— Conheço uma na historia da França de Michelet, Rosalba Galhiera, miniaturista eximia.

— Não é essa; a minha, a da minha historia, é uma criminosa e eu o seu cumplice!

— O' Gafana, são 8 horas da manhã; e, francamente, falar assim, antes do almoço... não bebericaste?

Olha, meu amigo. Tu não tens graça nem me offendes, se queres ri-te no fim.

— Prosegue; sou todo ouvidos.

— Essa mulher usava chapéu desabado de pluma negra, e tinha os olhos mais negros ainda do que a pluma. Que creatura encantadora! Mil fascinações: um corpo esculptural, fallas mansas, toda riso e toda tristeza, uma mulher, emfim! Usava vestir-se de preto, e muita renda branca nas saias, nos punhos, ao pescoço; que mulher! Conhecia-a ao lado da irmã, que se apparecia com ella, sem lhe copiar a belleza. Namorei-me, e de vér. Namorei-me, digo mal, senti logo que aquella era a mulher do meu destino. Ora diz-me, nunca te viste n'uma praia deserta, em frente do velho oceano romorejante, rugidor; na praia dourada, coberta de um grande ceu azul, que esmorece na cria do horizonte, onde se perdem pequenas velas brancas, pequeninas? E que tu e ella de mãos dadas atravessaram, os dois a prancha que da rocha leva ao barco, que vos ha de conduzir a um navio de tres mastros, pensativo, muito tranquillo, muito serio, que, apenas vos recebe, pela escada do portalo, logo se volta, e se alarga ao mar, e depois, cortando as aguas, se perde na unha dourada onde o sol refrange, esbate e vae dormecendo seus ultimos raios? Então, se alguém fica no cêrro que defronta o oceano, esse alguém verá um homem e uma mulher, duas sombras á ré, olhando a terra, abraçados, e talvez dizendo-lhe com lagrimas, adeus, nunca mais nos verás, vamos ser felizes. Era assim que eu scismava quando a via. Fugir, apartar-me com ella do mundo, dizer adeus a tudo, e perdermo-nos para sempre em um naufragio, em uma catastrophe, em um convento, ou talvez na velhice, sempre unidos; era o meu desejo. Não reparas se choro! E aquella mulher distinguia-me sempre; nós íamos, em manhãs formosissimas, pescar no Leça, que desce entre fragas a quinta do conde; ella então apanhava os vestidos, descalçava-se, e gentilissima, mettia-se ao rio ou saltitava pelas penhas lisas, muito fresca, muito risonha, destrançados os cabellos, mais rubra que as rozas bravas, que afeioavam as ribas verdentes. Eu e a irmã ficavamos na margem, suspensos, calados, encantados; creio até que nós dois a amavamos. Eu já lhe havia dito:

Hei-de amar-te mulher enquanto Flora
Sacudir nos jardins o verde manto!
E enquanto da manhã a roxa aurora
Innudar as campinas com seu pranto
Hei-de amar-te!

E assim foi crescendo a paixão que me ennoitai a vida. Um dia fizeram lá a romagem, que chamam de Santa Casilda. E eu, ella, a irmã e o conde, fomos tambem ajorcados de sol e poeira. Como isto me faz saudades! As duas irmãs iam

em caleche descoberto. Eu o conde, montados em dois cavallos de estatura meã, esportos e trotadores, a que em Traz-os-Montes chamam *fuças de capa e espada*, ladeavamos o carro. Eu ia muito bem vestido a hespanhola; polainas de couro com seus pendentes e agulhetas, cinta de seda vermelha, jaqueta de manga solta, presa por cordões, chapéu castelhano com sua *montera*. Sob a perna esquerda levava um varapau com choupa. O velho conde ria-se, feliz no convívio moço e alegre. Um sellim á ingleza ia aos pés do cocheiro, pois na volta Rosalba devia montar a cavallo do grande eleitor. Que jornada! Como eu desejava que Santa Casilda demorasse longe! O mar batia nos fraguados da costa, o céu era azul intenso, e as mulheres davam grandes gargalhadas, que pareciam escalas de musica. E assim em toda a extensão da costa, onde os ranchos das raparigas de Campanhã, do Ramalhe e de Avintes, irrequiutos, buliçosos, cantantes, iam torcendo e destroçando danças, que o accidentado do terreno assimilhava ás ondas, que lá embaixo faziam os bordões ás violas plangentes e aos gritos dilacerantes das rebecas. Por vezes a caleche, no meio da grande romagem parecia uma ilha; e era então que os valentes tecelões de Lordello erguiam para nós os grandes cangrões de vinho verde espumante, com a generosa e franca cordialidade de nossos costumes portuguezes. De uma vez aceitei um dos cangrões, levei-o aos labios e enxuguei-o prestes. Fui victoriado, e uma bella rapariga, saltando-me á garupa do cavallo, disse-me entre alegre e triste:

— Leva-me contigo, que nunca te hei de enganar!

Os risos e applausos estrugiram a costa; e até parece que o mar ergueu as ondas para olhar de perto. Rosalba emmudecera triste.

Na volta, deixamos Santa Casilda no acume da serra, onde espreita os navegantes, e viemos a passo na riba silenciosa, agora triste, vinda que alumia pelo luar sereno, melancholico, que induz ás confidencias.

Então ella disse-me:

— «Doutor!» E parou receosa.

Doutor, eu! vestido á castelhana, bem pouco o era n'aquelle instante.

Ora tu sabes, que um bacharel formado, fóra de Coimbra é doutor, e que um doutor no Porto é medico.

— Não sabia.

— Pois ficas sabendo. Em todo o Portugal um bacharel é doutor; mas no norte só se chama doutor o medico. Assim, como por desgraça minha, sempre me chamavam doutor em casa do conde, Rosalba estava crente que eu era um Esculapio. Nem mais nem menos. Ainda não prevêes o desenlace?

— Cada vez mais longe do epilogo. Mas, francamente, agora interessa-me a tua historia.

— Pois filho, disse-me o Gafana tomado de ternura, nunca ouvirás cousa assim.

— Todo eu sou attento.

II

Doutor, proseguiu a D. Rosalba, diga-me:

— Nunca estive na Galliza?

— Nunca.

— E' um paiz encantador, mais aspero do que o Minho mais amenos do que Traz-os-Montes. Tem valles e montanhas, onde a paz é grande, velhas cathedraes onde a poesia é immensa. As mulheres são formosas, os homens melancholicos; e como nós os portuguezes — agricultores e marinheiros. N'esta primavera, eu, minha irmã e meu pae, que lá foi morrer, estivemos em Mondariz e subimos até S. Thiago. Em Mondariz conhecemos João da Nova. Nunca ouviu fallar d'elle?

— Nunca.

Não sei porquê, começava a estar soturno. Rosalba continuou encantadora e triste:

— João da Nova era filho de um portuguez e de uma asturiana. Seu pae, acerrimo legitimista, finda a guerra da restauração pelo convenio de Evora-Monte, fóra alistar-se nas tropas de D. Carlos, e batera-se valente na Biscaia.

Terminada a guerra pela traição de Maroto, o seu destino levava o as Asturias, onde casou. D'este casamento vieram-lhe tres filhos: — João da Nova, e duas irmãs. João creou-se em Rivadellá, perto do mar. Talvez por isto e pelo sangue dos paes, com cedo acordou n'elle a vocação do maritimo. Aos 12 annos assentava praça na armada hespanhola. Aos 20 estava na estação naval de Cuba. Era guarda marinha, e já então considerado, a bordo da corveta *Maria Christina*, como official ousado. N'isto estalou a guerra dos Estados Unidos. João da Nova deu a sua baixa do posto de tenente e foi offerecer-se aos Estados

do Sul. Recommendado pelo capitão do *Alabama*, que o tinha conhecido em Cuba, o moço tenente foi mandado a Inglaterra comprar e artillar um grande cutter veleiro, e sahio n'elle de Portsmouth a dar caça aos navios mercantes dos Estados do Norte. Com varia fortuna, por vezes mal ferido em combates desiguales, sempre a salvo, ao termo da guerra era um official celebrado e temido em todos os Estados da União. Vencido o Sul, João da Nova liquidou os seus ordenados de commandante do corsario em que havia navegado, comprou um lindo brigue, o *Gavião*, e dedicou-se ao commercio. Maritimo e poeta, lembrava-lhe constante o solo natal e suas duas irmãs, a quem desejava dotar largamente. Na primavera d'este anno, entrava em Vigo com o *Gavião*, no intento de ir d'alli ás Asturias ver as andorinhas nos tectos da casa paterna. De Vigo a Mondariz é um passeio que parece o de um parque inglez. Foi em Mondariz que encontramos João da Nova. Era de trinta annos, e tinha a formosura que é propria do homem superior. Alto, magro, a barba cerrada, os olhos profundos qual o mar, era urbano e polido, escondendo pela força da vontade, paixões ardentes, sob um aspecto frio. Bastava, porém, qualquer sentimento verdadeiro, dôr saudade, alegria ou esperanza, para acordar o poeta. Nunca fizera versos, mas a sua vida, as suas palavras, as suas acções, tudo era poesia. Foi assim que o conheci nos largos passeios da Galliza, ou subindo ao velho castello de Sabroso, ou dançando com elle a *muñera* á copa dos grandes platanos.

Foi um mez que passou rapido, com um epilogo triste — a morte de meu pae. Finou-se sem fadiga, nem dôr, no fim de maio. Nós então resolvemos regressar ao Porto. Que lhe direi? Antes de nos apartarmos, eu era já a mulher de João da Nova. Elle fez-se ao mar em Vigo, para as Asturias, onde desejava abraçar as irmãs, e dizer a seu pae, que ia casar se comigo. Desgraçadamente, uma noite, temporal desfeito alcançou o *Gavião*. Quando o barco debaixo de noroeste rijo acabava de montar o cabo de Finisterra, por descuido do homem do leme, o navio imborcou dois mares. O vento continuava soprando cada vez mais, e desferrou-se o joanete da prôa. Ao mesmo tempo que o commandante tratava de carregar o traquete para alliviar a embarcação, já o vento tinha tomado taes proporções, que ao colher esta vela, rebentaram os stinguos e os brioses, sendo preciso cassal-a novamente. Então João da Nova subiu ao banco de quarto, e gritou pelo porta voz:

— Dois homens a ferrar o joanete!

Ninguém se apresentou. João da Nova subiu destemido pelas enxarcias, abraçou-se com a verga, ferrou a vela, mas...

— Mas?

— Ninguém mais o viu.

— Morreu?

— Morreu.

— Um heroe! exclamei com voz soffocada.

— Sim! um heroe!

Dois fios de lagrimas corriam nas faces descobertas de Rosalba.

— E agora, dizia a pobre senhora, estou viuva sem ter marido. Santo Deus, que desgraça, que tenho no seio o filho de João da Nova!

(Continua)

João de Olivença.

MAL-ME-QUER...



ROSOSA idade em que se destolham malmequeres para que a florinha do campo nos diga se alguém, que temos no nosso pensamento, nos quer mal ou nos quer bem, arrancando petala a petala e por cada uma dizendo: *mal-me-quer, bem-me-quer, muito, pouco ou nada*; e as petalas vão cahindo uma a uma e a nossa anciedade vae crescendo até saber qual d'ellas, por fim, responderá a nossa interrogação.

Mal-me-quer, bem-me-quer, muito, pouco ou nada. Faltam só tres petalas; a flor vae nos dizer que esse alguém que temos em nosso pensamento, nos



MALMEQUER

quer muito. O coração rejubila, não interrogamos mais a flor e reanima-se a esperança se por alguns momentos cahira em desalento.

Mal-me quer, bem-me quer, muito, pouco ou nada! e assim vamos repetindo até a última petala que arrancamos precisamente quando temos que dizer *mal-me quer!* Arrancar esta ultima petala é o mesmo que arrancar uma fibra do coração. Ficamos olhando a corola da flor já despida, com a alma triste, cheia de duvidas, quasi arrependida de ter procurado esta desillusão.

Se a flor nos tiver enganado, ou se tivermos feito mal a operação?!

E desfolhemos outro mal-me-quer, e agora diz-nos nada.

E o nosso coração enche-se de duvidas, de incertezas!

Que torturas!

E n'estas duvidas, n'estas incertezas, n'estas torturas, pôde cair aquella creança do nosso quadro, a quem a morte dos paes encheu de luto o coração, talvez antes que o amor lhe sorrisse, e agora procura anciosa, na flor, saber se aquelle por quem o seu coração pulsa pela primeira vez, lhe dedica o mesmo doce affecto.

A.

NO OCCIDENTE

Ao meu prezado amigo e illustre collega
Castano Alberto



NOITE NOITE estava fria, o céu brumoso e ao longe, pelo campo fóra, destacava-se, na escuridão profundissima, uma ou outra luz avermelhada nas modestas choupanas de ainda mais modestos camponezes.

Era em dezembro, na noite de Natal quando a igreja festeja o nascimento do redemptor.

N'uma d'essas cabanas, sentados em torno d'uma tosca meza de pinho, estava um homem de cabellos bastante embranquecidos e uma mulher cujas rugadas faces, denotavam bem claramente offrimentos, doenças e desgosto.

Uma pequena candeia de azeite, a simples e primitiva candeia da provincia, pendendo junto da lareira, illuminava aquelle quadro que o mais habil pincel teria tido, talvez embaraço em reproduzir.

E aquelles dois seres, reunidos um em frente do outro, pareciam mergulhados em profunda meditação.

A noite estava fria, o céu brumoso e ao longe, pelo campo fóra, destacava-se, na escuridão profundissima, uma ou outra luz avermelhada, nas modestas choupanas de ainda mais modestos camponezes.

Apenas uma palavra escapando dos labios da mulher veio terminar aquelle silencio.

— E elle?

— Sim, tornou o homem n'um tom que denotava profundo pesar, sim o nosso João, será elle ainda vivo?

— Pobre filho. Nunca nos abandonava n'esta noite e parece-me ainda vel-o entrar por além, por aquella porta, alegre, com a sua jaleca ao hombro, contente, satisfeito e vir beijar-me com aquella ternura propria do seu bom caracter.

— Pobre João. Onde estará elle?

— O que não terá passado, o nosso querido filho?

— Tenhamos esperança,

— Sim, mas as lebres d'Abrika são tão más... morrem tantos lá por essas terras!

Apenas aquellas palavras escapadas dos labios da mulher, vieram fazer recommençar o silencio.

A noite estava calma, e os soldados deitados em circulo, fatigados por um dia de marcha continua, procuravam o descanso do corpo e do espirito.

Um dos do grupo, um rapagão forte, espaduado, destacava-se dos outros pela sua posição; porque sentado no sólo, com os punhos encostados á frente, a cabeça pendida, o olhar vago, deixava cair pelas faces algumas lagrimas.

Um companheiro que lhe ficava proximo, e que ainda não dormia, interrompeu-o na sua meditação.

— Em que pensas 48?

— Nos meus velhos. Parece-me ainda vel os dois sentados em volta da meza, ao pé da lareira, á espera que eu voltasse á noite, quando acabava o trabalho.

— E choras por isso?

— Chorar eu, retorquiu elle, passando a manga da fardeta pelos olhos, eu não choro.

— E fazes bem 48, porque um soldado não deve chorar senão quando é vencido. Chora-se então de raiva.

— E de saudade não?

A noite estava calma e os soldados deitados em circulo, fatigados por um dia de marcha continua, procuravam o descanso do corpo e do espirito.

Dois annos depois, quando o sol no poente abandonava por detraz das modestas choupanas a ainda mais modesta aldeia, o 48 voltava dos sertões africanos,

— Quem bate?

— Sou o João.

— Tu, como vens doente.

— E' verdade, mas o dever não conhece barreiras.

— E cumpriste-o como um verdadeiro heroe a quem a patria agradecerá.

— E meus paes?

— Os pobres velhos, fóram esperar-te no céu.

— Morreram?

— Sim, o anno passado, no dia de Natal e quasi ao mesmo tempo, victimas de lesões cardiacas.

— E' este o premio que Deus me concedeu.

— Que queres, coisas do mundo!

— Mundo ingrato e máo.

E o 48, que voltava dos sertões africanos, voltando os olhos para o occidente, pareceu-lhe ver longe, lá longe no céu entre uma nuvem branca e o azul do firmamento, — o azul e branco que tantas vezes lhe servira de gata no seu regimento e que elle sabia ser a bandeira da sua patria — pareceu-lhe ver rostos dos entes queridos; quando o sol no poente abandonava por detraz das modestas choupanas a ainda mais modesta aldeia.

12-96.

Eduardo Coelho.

HISTORIAS PORTUGUEZAS

MEMORIAS DO MAJOR ***

D. JOAQUIM DA CAMARA — O BIDASSÓA



A Guarda Real de Policia, um dos commandantes que mais nomeada teve, foi D. Joaquim da Camara, por alcunha o *Bidassóa*. Era um dos heroes da guerra peninsular este fidalgo, e a extraordinaria bravura de que dera provas no combate da passagem do Bidassóa, em Hespanha, conquistara-lhe esse glorioso cognome, com que o distinguiram os seus valentes companheiros d'armas.

De pequena estatura, vigoroso ainda, apesar dos annos e das fadigas da guerra, era muito cortejador das damas, e ellas correspondiam amavelmente aos seus galanteios.

Um dia descia elle o Chiado, garbosamente montado no seu cavallo, quando acabavam de assomar á varanda d'um primeiro andar, defronte da calçada do Sacramento, umas senhoras, entre as

quaes uma que elle galanteava. Chegando em frente da janella D. Joaquim fez estacar o cavallo, cortejando fidalgamente as damas, senão quando o mofo chinó, com que elle occultava uma formosa calva, lhe saiu da cabeça, preso ao chapéu! Situação horrorosamente comica foi esta, e em que naufragaria outro que não elle: quem affrontara desdenhosamente a morte tantas vezes, affrontaria tambem o ridiculo, que as vezes é mortal.

A ordenanca apeara-se apressadamente, e levantara do chão a ominosa cabelleira; elle, tomando-lh'a das mãos, e pondo-a serenamente na cabeça, voltou-se para as senhoras, que suffocavam com o riso contido, e disse-lhes:

— Pois, minhas senhoras, assim foi o cumprimento mais completo.

E verdadeiramente d'um heroe ter espirito em tão desastrada conjunctura. Estava salva a situação, e a anedota correu todos os salões de Lisboa, onde foi, como devia ser, muito celebrada.

Era pois de compleição amorosa o nosso coronel, e não sei se isso contribuiu para o seu prematuro fim. Havia já dado provas de que as suas faculdades estavam um pouco affectadas, quando um dia, visitando uma familia nobre das suas relações e parentesco, foi de repente tomado d'um accesso de loucura tão violento, que obrigou as senhoras a fugirem espavoridas da sala! Loucura amorosa. Amarraram-no e trouxeram-no para o quartel.

Tivemos pena d'elle — disse o major — D. Joaquim da Camara, além de excellente official, era um cavalheiro. O ataque passou, mas repetiu-se: D. Joaquim era um homem perdido. Resolveu-se que fosse recolhido no hospital, e eu fui encarregado de o acompanhar. Levamol-o enganado, dizendo-lhe que iamos passar uns dias no campo. Elle foi, e depois de darmos muitas voltas com o trem, lá o deixámos, convencido de que estava em casa d'uns parentes seus.

Despedira-me eu d'elle, e vinha retirando d'aquella terrivel morada, quando, ao atravessar um pateo grande, onde os doidos corriam, saltavam, e gritavam, sahiu d'uma porta um homem alto, de boa apparencia, com um comprido capote nos hombros, e tomando-me o passo, apresentou-me uns desenhos, delicadamente abertos á tesoura, em papel.

O enfermeiro, que me acompanhava, disse-me que era um maniaco socegado, e que o podia atender. Tomei-lhe das mãos então um dos seus desenhos, e como era realmente bemfeito, demorei-me a examinal-o. Elle costumava offerecer os seus visitantes, e estes, em retorno, davam-lhe alguma prata de esmola.

Enquanto eu olhava para os desenhos, escolhendo o que mais me agradasse, os doidos, attrahidos pelo meu apparatuso uniforme, tinham-se aproximado, e, formados em meia lua, fitavam em mim os seus olhos febris e desvairados. De repente, como se obedecessem a uma voz, precipitaram-se todos sobre mim! Um levou-me o capacete, e montado n'uma canna, partiu aos saltos com elle na cabeça; outro arrancou-me uma dragona, e uns poucos lançaram-se á espada, para m'a tirarem. Isso é que não conseguiram. Os enfermeiros acudiram, a chicote libertaram-me d'aquelles endemoninhados, e varteram d'elles o pateo.

Quando passei revista á minha pessoa, depois da furiosa investida, vi que tinha a farda rasgada em varios sitios. Só me faltou ficar ferido, para ter completamente o aspecto de quem entrara n'alguma renhida peleja!

Satram-me caros os taes papeis recortados. Ainda hoje, quando os vejo ornando os pratos d'arroz doce e as caixas de fruetas seccas, lembro-me da aventura, e sinto uns arrepios, como se aquillo houvesse de se repetir; tão profunda foi a impressão que me ficou d'aquella scena, que passou rapida como um relampago, mas que me deixou gravada para sempre na memoria a expressão dos rostos, e a confusa gritaria, a selvagem discordancia, dos seus berros descompassados, que mais pareciam rugidos de bestas feras!

Voltei lá algumas vezes, mas nunca mais os vi. O pateo estava sempre deserto.

Zacharias d'Alca.



O PEQUENITO MARIO

(CONTO MINIATURA)



Li dentro d'um caixãozinho de quatro palmos de comprimento, forrado de um estoffo da cor do céu em noite calma e recamado de florinhas pallidas, lá foi para baixo da terra santa do cemiterio o pequenito Mario, aquella adoravel criança, simultaneamente travessa e meiga, que poucos dias antes viamos voltear satisfeita e cheia de vida n'uns folgedos infantis tão castos e tão puros como a sua alma innocentinha.

Ao tempo em que os pais gemiam, em penas lancinantes vertendo lagrimas de dor cruenta, os anjos de formas diaphanas

e indefinidas, rejubilavam batendo as niveis azuis ás portas do paraizo celeste, fazendo recepção estrepitosamente alegre ao novo companheiro que ia alistar-se na cohorte dos pequeninos espiritos, que fazem a guarda de honra junto do throno do Altissimo.

Quando o caixãozinho, n'uma tarde de dezembro, tarde triste, chuvosa e fria, baixava ao mais fundo do coval, a alma do pequenito Mario evolava-se através do espaço ás regiões do infinito, transpunha os umbraes do recinto celestial repleto de scintillações deslumbrantes e pousava n'uma quietude beatifica no centro dos coros angelicos.

As harmonias divinas extasiavam o novel espirito: as evoluções vertiginosas e fantasticas dos pequeninos habitantes celestes atrahiam irresistivelmente a alma do pequenito Mario, mas esta, em seguida á fascinação instantanea, entristeceu-se profundamente, quedou-se a contemplar attenta a terra d'onde partira, e, após demorada concentração intima, exclamou n'um brado afflictivo de saudade immensa — MAMÁ!... PAPÁ!...

Portalegre — Dezembro de 1896.

Adolpho Motta.

O NATAL NOS PAIZES DO NORTE



ESTABELECEER uma collecção das varias ceremonias populares, mais ou menos religiosas, mas sempre cheias de jubilo, que, nos differentes paizes do mundo, origina a festa do Natal, seria um trabalho curiosissimo, de leitura interessante e agradável, para o qual os viajantes e os folk-loristas tem dado valiosos subsidios.

Para ser completo esse estudo, grande seria a sua extensão. Hoje, apenas trataremos de algumas nações do norte, nas quaes essas ceremonias offerecem maior originalidade.

A commemoração da Natividade, embora seja uma encantadora festa de todo o mundo, é nos paizes mais frios, que, sem duvida, apresenta maiores attractivos, porque

a sua simultaneidade com a estação invernosal lhe offerece um vivo contraste, em que triumpham o conforto e o conchego do interior da casa contra a inclemencia das intemperies.

O Natal é uma festa toda paz, toda harmonia e alegre esperanza, pelo que se torna sympathica e querida, sendo justissima a rara homenagem que o culto da familia lhe rende.

I

A festividade do Natal, na Suecia, é haes ante longa, pois que, principiando na noite 25 de dezembro, se prolonga até dia de Reis, e não raro se estende até ao de S. Canuto, que é a 13 de janeiro.

Então, a formosa cidade de Stockolmo transforma-se n'uma feira immensa, onde se vendem variadissimas quinilherias e abundantes goludices. Quem percorrer as suas ruas, n'essa noite, encontrará innumeras barracas, e mesmo as casas particulares, ostentando vistosas illuminações; espectáculo este que attrahe enorme concorrencia. Até á meia noite as ruas sempre cheias de gente.

E' por essa hora que as creanças recebem os seus presentes e as pessoas trocam, aceitando e enviando, os *toques do Natal* ou, como se diz em sueco, *Juleklappar*.

Estes brindes são enviados sempre com uma intenção reservada, ora graciosa ora satyrica, mas de maneira que as pessoas que os recebem não saibam quem lh os manda. E de preceito que o presente de consoada chegue inesperadamente e de surpresa. O portador deve, mal que bate á porta e ella se abre, atirar o presente para dentro de casa e desaparecer logo. D'este bater á porta, é que deriva a designação typica que indicamos de *toques do Natal*.

No interior da casa, tudo deve estar prompto para a festa desde a noite de Natal, pois que nos dias seguintes, e de regra não se faz trabalho algum, por mais simples que seja.

Junca-se de palha todo o sobrado, lembrando assim o presepio. Todas as mezas estão postas, ostentando, em grande profusão, fiambres de presunto e de vacca, broa, manteiga, queijos, cerveja fina, e aguardente forte; offerecendo-se de tudo isto a quem entra, sendo de dever aceitar ainda que pouco se coma. A sobriedade tira a alegria á festa, dizem os suecos.

Nas comidas da primeira noite, ha alguns alimentos obriados pela praxe; taes como o *peixe pau*, as ervilhas, arroz de leite, a cerveja e a aguardente.

As papas do Natal (*Julgroet*) e o pão do Natal (*Julbrød*) pertencem exclusivamente ao primeiro dia.

Tambem é elemento obrigado da festa o *cordeiro do Natal* ou *pão do Natal*, que é feito de farinha espoada, da mais fina flor; geralmente tem desenhado um carneiro animal que, como se sabe, tinha um logar importante nos antigos banquetes consagrados aos deuses, entre os scandinavos.

Este pão colloca-se no centro da mesa, ladeado de presunto, queijo e outros alimentos; e conserva-se n'esse logar até dia de S. Canuto, em que como dissémos, termina a festa.

As superstições de que é e foi objecto este pão são algumas muito curiosas. Nas aldeias, ainda hoje elle se guarda até á primavera, dando o então a comer aos cavallos e mais animaes de lavoura e criação, para alcançar prosperidade na colheita e na engorda.

Do tecto pende sobre a mesa posta, uma coroa de palha de centeio, muito enfeitada. D'ella tiram as servas um molhinho com as respectivas espigas entalam os nas fendas do tecto ou nos beirões do telhado, para saber, pelo numero dos bagos que se não desprenderam, o numero de namorados que lhes hão de apparecer durante a festa.

Mas a palha do Natal tem outras virtudes: mais: faz medrar os campos, fructificar as arvores e livra os animaes de muita outras doenças.

Começa-se e termina-se a refeição por um canticco festivo, o que lhe dá um sabor patriarchal, similhante á ingenuidade das idades primeiras.

Nos primeiros tempos, punham-se as papas do Natal e outras iguarias em vasos proprios, a porta ou no meio das eiras, juntando se ainda a estas offertas a de um feto para o *Tomtegguben* a fim de que elle continue trazendo a fortuna para casa.

O *Tomtegguben* é um espirito ou duende que, segundo a imaginação popular, pertence á terra e á eira, onde apparece sob a figura de um velhinho risonho.

Em casa, a luz não se apaga. Em algumas povoações ruraes, faz-se no chão uma grande cama de palha, chamada *cama da irmã* onde dormem as creanças e as servas.

Na primeira noite, todos os sapatos se põe muito juntinhos e alinhados, uns com os outros, para que seus donos vivam em paz durante o anno.

E' grande o numero das superstições que tem por origem esta noite, sendo a da *luz do Natal* a que mais se espalhou n'aquelle povo do norte: se succede a luz apagar-se durante a noite, e que dentro de um anno algum de casa ha de morrer;

então o resto da vella guarda se cuidadosamente, e derretida considera-se um mirifico unguento contra as feridas dos pés e das mãos.

Um dos usos mais antigos, dos conhecidos na Suecia, é ir ao de-pontar da madrugada, ao bosque mais perto da povoação, sem olhar para traz nem dar palavra, em jejum absoluto, sem ter visto lume, nem ouvido cantar o gallo. Se ao nascer do sol, se vir a egreja, advinha-se um grande numero de enterros n'aquelle anno, e pelo aspecto dos campos e dos prados, calcula-se a futura colheita e os incendios que haverá.

Esta peregrinação tem um nome bem adequado, pois lhe chamam o *curso do anno*, e, segundo os viajantes, com ella se encerra nas aldeias a festa do Natal na Suecia.

II

Se examinarmos as ceremonias com que na Russia se festeja o Natal, achal-as-hemos assaz caracteristicas, e uma d'ellas — a do *noivado das cegas* — extremamente original.

E' convidada toda a aldeia, em pezo. Os rapazes e as raparigas acodem prezurosos, por isso que n'esse dia é que os primeiros escolhem a noiva.

A maneira ingenhamente mysteriosa com que se faz é realmente delicada e realça o encanto do tão graciosa scena de amor e do acaso.

A um signal do dono da casa, ao qual n'esse anno cabe a commissão, sahem da sala de entrada todas as raparigas e vão reunir-se n'um quarto grande, onde lhe estão preparados uns bancos ao longo das paredes, em volta.

Uma vez sentadas, a dona da casa cobre-lhes a cabeça e o corpo todo com uma toalha grande especie de lençol, de forma a occultar-lhes o rosto, disfarçando tanto quanto possivel as suas posturas habituaes ou que podessem fazel as reconhecer.

Durante um momento, reina o mais profundo silencio.

Em seguida, abre-se a porta de mansinho, dando entrada a um dos numerosos mancebos que esperam, ansiosos, na casa contigua.

Este detem-se um instante a examinar o grupo e depois para em frente de cada uma das jovens, procurando distinguir, sob o lençol que cobre aquellas figuras immoveis e todas parecidas, a desejada pelo seu coração.

Por fim, julgando ter encontrado a que procura, a dona da casa, que assiste á escolha, levanta immediatamente o véo aquella que foi designada, e, desde logo ficam noivos os dois jovens, não podendo retractar-se sob pena de uma importante indemnisação.

Aqui, muito em segredo, explicaremos ao leitor curioso, a razão porque a referida multa nunca se paga: não é o acaso o unico factor que entra n'aquella mysteriosa cerimonia pois não ha rapariga alguma que não saiba combinar um ou outro engenhoso artificio que a dê a conhecer.

Na Podolia e na Ukraina ha algumas crenças infantis dignas de menção.

A Podolia predomina pela sua religiosidade. Em noite de Natal, as creanças atravessam os campos cobertos de neve, sendo guiadas por uma d'ellas que conduz uma lanterna acesa, pendurada n'um pausinho, symbolizando a estrella dos Magos. Nos vidros da lanterna ha sempre pintada uma scena qualquer das passadas em Bethlem.

Uma creança, armada de archa, acompanha a imagem, e outra conduz um theatrinho de madeira.

Chegados a uma *izba* ou granja de um rico proprietario, batem, e como todos estão ainda acordados, pedem licença para armar um theatrinho de titeres.

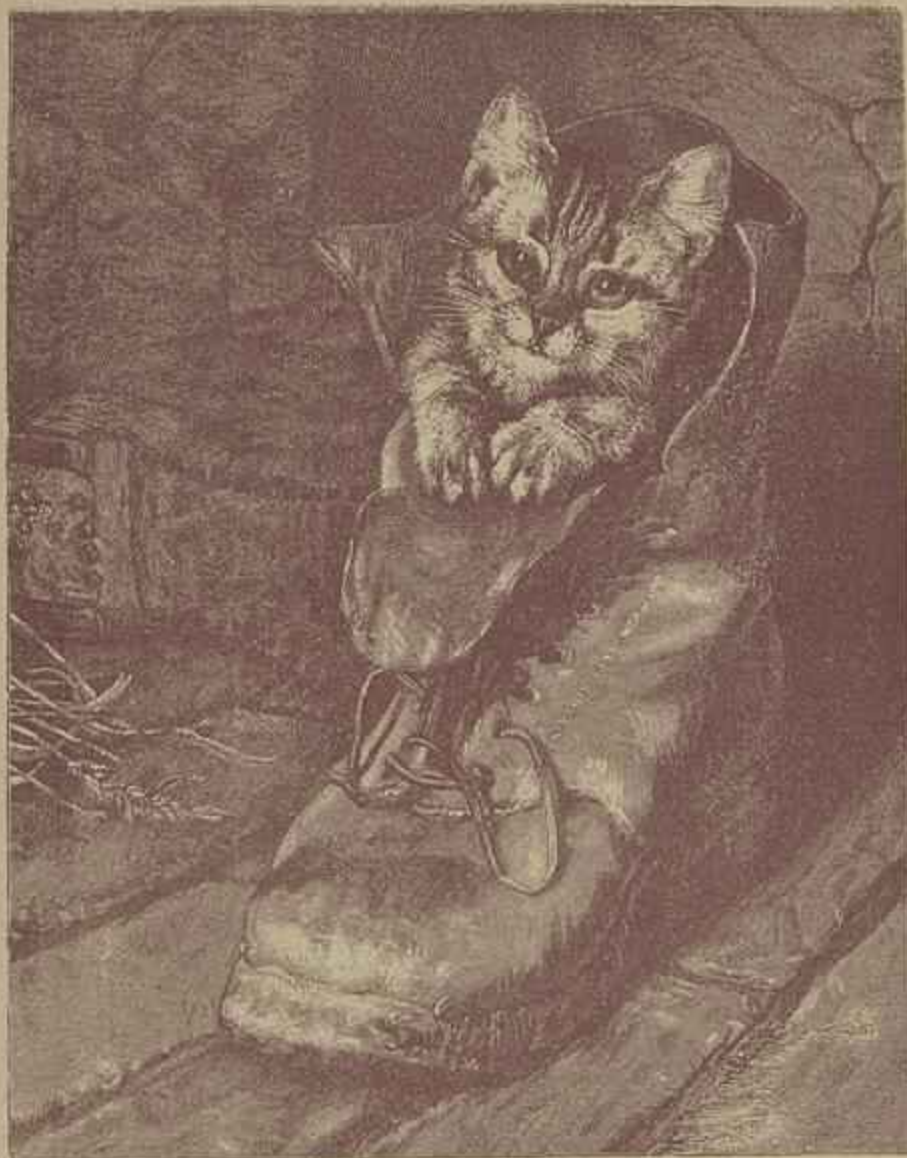
A licença, como é facil de prever, é sempre concedida, e então as creanças representam o seu espectáculo, constituído de ordinario por alguma scena religiosa, acompanhada de canticos. Sempre ha um peditório feito pelos pequenos artistas, que é em geral productivo, e em parte empregado em esmolas.

Na Ukraina, este passeio toma um aspecto mais profano, pois que as creanças vestem-se de animaes, principalmente de ursos, ceponhas, etc. e conduzidos pelos seus companheiros, vão assim disfarçados dar as suas representações. Não é então um symbolo a estrella dos Magos que illumina a scena, é apenas uma lata com alcatrão.

Natal é a festa das creanças e, tanto no norte como no sul, as festividadees que a celebração do nascimento de Jesus origina tem por interpretes as creanças, nem podia deixar de ser assim para com Aquelle que dizia:

Deixae vir a mim os pequeninos.

Esteves Pereira.



COMO ENTRARIA ELLE PARA ALI?

UM HEROE E UM GRANDE POETA

Meu caro Gaetano Alberto.

Nas paginas em branco d'um velho e antigo almanach deparei casualmente com uma bonita poesia de Francisco Gomes d'Amorim, que supponho inedita.

Por me parecer que merece um logar de honra na sua excellente illustração, eu lh'a envio. É dedicada ao bravo general Francisco Xavier da Silva Pereira, primeiro conde das Antas.

Não podendo perder a mania de estudar todas as questões em que me metto e todos os assumptos historicos que escrevinho, peço-lhe licença para preceder a referida poesia da seguinte nota elucidativa.

Francisco Xavier da Silva Pereira foi nomeado em agosto de 1830 commandante do batalhão de caçadores 5, e com os soldados d'este regimento tomou a ilha de S. Miguel no tempo da usurpação.

O batalhão de caçadores 5 foi-lhe sempre tão affecto que, na lucta de 1846 a 1847, não o desamparou e seguiu a seu favor o destino das armas, destino que, como se sabe, lhe foi contrario.

Sendo commandante em chefe das tropas do partido da Juncta do Porto o general conde das Antas, caçadores 5 fez parte da divisão do Algarve, que era commandada pelo general José Pedro Celestino Soares, e entrou na acção de Vianna do Alentejo, em 28 de outubro de 1846. Esta batalha foi ganha pela divisão de Schwalbach, que ia ficando derrotada. A cavallaria ficou, por momentos, de tal forma em debandada, que Schwalbach, acenando com o seu chapeu, gritou: *Ai Jesus! a*

minha cavallaria! O tenente-coronel Graça, de lanceiros 1, ao ver a debandada dos soldados de cavallaria, gritou-lhe: Soldados, olhem para as chapas das vossas barretinas; que vos dizem ellas? *Morte ou gloria!* — façam alto e vamos a elles.

E assim foi. N'esta sanguinolenta acção pereceu o bravo capitão Assedio, de caçadores 5.

Em 22 de dezembro, o batalhão ficou prisioneiro em Torres Vedras com a divisão do conde de Bomfim, fugindo a maior parte dos soldados para Evora.

Vencendo o partido da Carta, o batalhão foi considerado extinto, creando-se no Algarve, pela ordem de exercito de 28 de março de 1847, outro corpo do mesmo numero, batalhão que, em 1851, adheriu ao movimento saldanhista pela regeneração.

Entretanto, o general Antas, tendo ficado prisioneiro, gemeu por muito tempo na torre de S. Julião da Barra, sendo restituído á liberdade pela convenção de Gramido, conservando-se d'ahi em diante alheio ás pugnas da politica.

Em 19 de maio de 1852, falleceu d'uma leção no coração, sendo o seu cadaver levado á mão pelo povo desde a igreja de Santa Izabel até ao cemiterio dos Prazeres.

O seu jazigo, que no dito cemiterio foi levantado por subscrição nacional, é uma das obras primas do insigne escultor Victor Bastos.

Agora, meu caro Alberto, a poesia, se não a achar bellissima, não a publique.

Seu velho amigo e admirador,

A. X. da Silva Pereira.



Á morte do general conde das Antas

Dedicado ao bravo regimento de caçadores n.º 5

Doa olhos dos valentes do Mindello
Corre o pranto callado
Guerreiro não correis! — o pranto é bello
Nas faces de um soldado.

Flebilis ille! — MENDES LEAL.

Silencio! ... Já no cimo das muralhas
Emudece o canhão!
Dorme com elle o genio das batalhas
O grande capitão!

Caçadores, sentido! ... joelho em terra!
Armas em funeral!
Descobri a cabeça. E' finda a guerra
Passai meu General...

Sobre mil faces pelo sol crestadas
Saudoso pranto cae!
A sombra das bandeiras inclinadas
Caçadores chorai!

Chorai o General n'esta partida
Porque vai lá ficar
Soldados! E' bem triste a despedida
P'ara nunca mais voltar!

Vós que o viste no campo tantas vezes
Tranquillo sem temor
Chorae agora, bravos portuguezes
O bravo caçador!

Já partida no chão a forte espada
Junto do mausoleu
E a Liberdade aos restos abraçada
Chorou o filho seu!

O nome do guerreiro é já da historia,
O homem acabou
E é pouco um tumulo p'ra conter a gloria
Que na vida ganhou.

Sobre a campa o estandarte das victorias
Envolto em negro dô
Testemunha que foi de tantas glorias
Agora varreu o pó!

Silencio! ... Já no cimo das muralhas
Emudece o canhão!
Dorme com elle o Genio das batalhas
O grande Capitão!

21 de maio de 1852.

F. Gomes d'Amorim

AVISO

Este numero é de 12 paginas e é distribuido a todos os srs. assignantes com o frontespicio, indices e capa de papel do volume.

O preço só do numero com a capa é de 200 reis para a venda avulso.

A CAMPANHA D'AFRICA

CONTADA POR UM SARGENTO

EDIÇÃO POPULAR

Illustrada com 40 gravuras
retratos dos heroes da campanha, vistas de terras
d'Africa, combates, etc.

Preço 300 reis, pelo correio 320 reis

Com uma linda capa de percaline, 500 reis

Está publicada e á venda

PEDIDOS A EMPRESA DO OCCIDENTE

LARGO DO POÇO NOVO

LISBOA

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 e 19